R E V I S T A
ESPAÇO
n. 65
período jul-dez
ano 2026

MATERIAL DIDÁTICO PARA ESTUDANTES SURDOS: UMA ANÁLISE DOS ARTEFATOS CULTURAIS DE UM CADERNO DE CIÊNCIAS

Educational material for Deaf students: an analysis of the cultural artifacts in a science workbook

Carlos Antonio Jacinto[1]



RESUMO

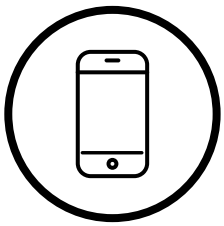
A Comunidade Surda tem reivindicado uma Educação Bilíngue que reconheça a Libras como língua de instrução, favorecendo o desenvolvimento identitário e a valorização e difusão da cultura Surda. Entretanto, essa proposta enfrenta desafios, especialmente no que se refere à produção de materiais didáticos bilíngues. Este artigo analisa um material didático de Ciências, buscando identificar como os artefatos culturais da Comunidade Surda, conforme propostos por Strobel (2008), se manifestam em um recurso caracterizado como bilíngue e bicultural. A análise evidenciou a presença de diferentes artefatos culturais, com destaque para a visualidade, além da adaptação dos conteúdos às experiências e especificidades dos estudantes Surdos. Contudo, observou-se que a Libras é utilizada de forma limitada como língua de significação e instrução, o que compromete a efetivação da perspectiva bilíngue e, consequentemente, os processos de ensino e aprendizagem. Conclui-se que, embora o material valorize a visualidade e incorpore elementos da cultura Surda, é necessário repensar suas estratégias e formas de organização para fortalecer a proposta bilíngue e contemplar, de maneira mais efetiva, as singularidades linguísticas e culturais dos estudantes Surdos.

Palavras-chave: Bilinguismo; Surdos; Material didático; Artefatos culturais Surdos

[1] Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil. carlos.antonio@ufjf.br

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.10-26
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

ABSTRACT
The Deaf Community demands bilingual education that recognizes Brazilian Sign Language (Libras) as a language of instruction, fostering the development of identity and the dissemination of Deaf culture. However, this proposal faces several challenges, particularly regarding the production of bilingual teaching materials. This article analyzes Science teaching materials, investigating how cultural artifacts of the Deaf Community (Strobel, 2008) are manifested in a resource described as bilingual and bicultural. The analysis identified the presence of cultural artifacts, with an emphasis on visuality, and confirmed that the content was adapted to the experiences and specificities of Deaf students. However, Libras is used only to a limited extent as a language for meaning-making and instruction, which compromises the effectiveness of the bilingual approach and, consequently, the teaching and learning process. It is concluded that, despite the emphasis on visuality, strategies need to be reconsidered and strengthened to fully support the bilingual approach and address the linguistic and cultural specificities of Deaf students.
Keywords: Bilingualism. Deaf people. Teaching materials. Deaf cultural artifacts.



LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O QR CODE AO LADO OU O LINK
https://youtu.be/rM9QONygWWw?si=6pF00GBLQ0IudRR8

INTRODUÇÃO

A Educação de Surdos constitui-se, historicamente, como um campo marcado por desafios e contradições. Embora se reconheça a importância da educação bilíngue para o processo educacional dos estudantes Surdos, seus direitos linguísticos e educacionais ainda são frequentemente negligenciados na prática. Entre os fatores que contribuem para esse cenário, destacam-se o processo de aquisição da linguagem e da Língua Brasileira de Sinais (Libras) por Surdos, especialmente por aqueles que são filhos de ouvintes; o papel que a Libras deve desempenhar ao longo do processo educacional; o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa (LP) na modalidade escrita; a atuação do intérprete de Libras; a escassez de profissionais qualificados; a insuficiência de materiais didáticos produzidos especificamente para esse público; entre outros aspectos que interferem na efetivação de uma educação que contemple suas especificidades linguísticas e culturais (Almeida, 2015; Fernandes, 2003, 2006; Kelman *et al*., 2015; Lodi, 2006; Miranda, 2016, 2019; Pereira, 2011, 2014; Quadros, 2012; Quadros; Paterno, 2006; Rodrigues, 2018).

Em decorrência da ausência de metodologias e materiais didáticos adequados às especificidades linguísticas e culturais dos estudantes Surdos, a oferta de uma educação bilíngue de qualidade ainda não se efetiva plenamente, comprometendo os processos de aprendizagem e de construção do conhecimento nos diferentes componentes curriculares (Silva; Kumada; Amado, 2018). Nesse contexto, observa-se que grande parte dos materiais didáticos disponíveis foi originalmente produzida para estudantes ouvintes e, posteriormente, traduzida para a Libras, sem que, necessariamente, fossem consideradas as particularidades linguísticas, culturais e educacionais dos estudantes Surdos (Silva *et al.,* 2013; Miranda, 2016, 2019).

Diante dessa prática, torna-se necessário refletir sobre as dinâmicas escolares decorrentes dessas adaptações e analisá-las criticamente. Quadros e Paterno (2006) destacam que a escola se constitui, tradicionalmente, como um espaço de disputa entre línguas, no qual ainda operam mecanismos de repressão linguística que privilegiam e legitimam os saberes

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

do grupo hegemônico. Para a efetivação de uma educação bilíngue, esse espaço precisa ser ressignificado e desconstruído, de modo a reconhecer e valorizar os sujeitos, as línguas, as culturas e os recursos didáticos que nele circulam. Nesse sentido, é fundamental repensar não apenas as práticas pedagógicas, mas também os materiais didáticos utilizados, considerando as especificidades linguísticas e culturais dos estudantes Surdos.

Desconstruir o espaço escolar, para Quadros e Paterno (2006), não significa apenas delimitar os espaços que as diferentes línguas ocuparão no processo educacional de estudantes Surdos. Trata-se de um processo mais amplo, que envolve reflexão, (des)estruturação, formação de profissionais, criação de novos espaços de atuação e, sobretudo, a inversão da lógica que orienta as relações estabelecidas no contexto educacional (Quadros; Paterno, 2006). Nessa perspectiva, o material didático constitui um recurso central para contribuir com essa inversão, na medida em que pode favorecer a construção de práticas pedagógicas mais condizentes com as especificidades linguísticas e culturais dos estudantes Surdos, conforme destacam Barbosa e Bartholomeu (2016).

Ao considerar materiais didáticos alinhados às especificidades dos estudantes Surdos, destaca-se a importância de que sua produção se paute nos artefatos culturais Surdos, na experiência visual, na Libras e na LP como segunda língua (L2) (Barbosa; Bartholomeu, 2016). Diante desse panorama, o presente artigo tem como objetivo analisar de que modo os artefatos culturais Surdos, a partir da categorização proposta por Strobel (2008), foram mobilizados na produção de um material didático destinado ao ensino de Ciências para estudantes Surdos. Busca-se, especificamente, compreender como a experiência visual, a Libras, a LP, a identidade e a cultura Surda se fazem presentes e são mobilizadas no material analisado.

Assim, a análise proposta neste estudo evidencia a importância dos artefatos culturais Surdos na produção de materiais didáticos destinados especificamente a estudantes Surdos. O texto está organizado da seguinte forma: inicialmente, são apresentadas reflexões acerca das políticas linguísticas relacionadas à Libras e dos direitos linguísticos da Comunidade Surda. Em seguida, discute-se o contexto educacional, com ênfase na adaptação de materiais didáticos para a Libras e na produção de materiais voltados aos estudantes Surdos. Posteriormente, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa e, por fim, a análise dos resultados, seguida das considerações finais.

POLÍTICA LINGUÍSTICA DA LIBRAS E DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS

Embora persista a crença no monolinguismo, a análise dos diferentes contextos e comunidades linguísticas no Brasil e em diversos países evidencia, na prática, a existência de cenários marcadamente plurilíngues. Nesse sentido, Rajagopalan (2008) destaca que o monolinguismo não constitui uma realidade natural, mas uma construção resultante de forças políticas que o instituem e legitimam a partir da ideologia do nacionalismo, frequentemente por meio de políticas linguísticas de caráter autoritário.

No Brasil, Sousa e Soares (2014, p. 106) apontam três aspectos relacionados à diversidade linguística: “as variedades linguísticas têm diferentes valorações no contexto social; o policiamento da língua é uma característica da cultura linguística; e há a sobreposição de uma língua sobre outra em situação de multilinguismo”. Historicamente, essa sobreposição esteve associada a processos de imposição e manutenção da hegemonia da LP como ocorreu com o “Diretório dos Indígenas”, durante o período colonial, e com as políticas de proibição do uso de línguas de descendentes de imigrantes durante a Era Vargas.

Segundo Lagares (2018), a língua desempenha um papel fundamental na constituição do Estado-nação, estabelecendo uma estreita relação entre Estado, identidade nacional e língua e contribuindo para a construção de uma homogeneidade cultural associada ao mono-

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.10-26
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

linguismo social. Nesse contexto, a diversidade linguística foi historicamente concebida como uma ameaça à unidade nacional, sendo, portanto, alvo de mecanismos de controle, marginalização e, em determinados contextos, de eliminação. Como consequência, a LP, na condição de língua oficial, consolidou-se como língua majoritária e de ampla circulação social, sendo incorporada ao sistema educacional, aos meios de comunicação, à produção literária e aos documentos oficiais (Maher, 1997; Lagares, 2018). As demais línguas, por sua vez, foram historicamente desvalorizadas e colocadas em posição de menor prestígio social (Rodrigues, 2018).

Somente a partir do século XXI o Brasil passou a avançar na implementação de políticas voltadas à garantia de direitos linguísticos de falantes de línguas minoritárias, impulsionadas por ações de grupos acadêmicos, iniciativas municipais e esforços no âmbito federal (Abreu, 2016). Entre as comunidades que vivenciam situações de bilinguismo, destacam-se imigrantes, indígenas e Surdos (Cavalcanti, 1999; Oliveira, 2008). Em termos quantitativos, estima-se que o país reúna cerca de 30 línguas de descendentes de imigrantes e aproximadamente 170 línguas indígenas. No que se refere às línguas de sinais, Quadros (2019) registra a existência de diferentes línguas de sinais, entre as quais a Libras se destaca como a de maior difusão, especialmente nos centros urbanos.

Diante desse cenário de diversidade linguística, tornam-se necessárias políticas linguísticas que promovam maior equilíbrio entre as línguas e assegurem os direitos dos grupos linguísticos minoritários (Calvet, 2007). No contexto brasileiro, discutir políticas linguísticas implica considerar tanto o direito das línguas, relacionado à sua proteção enquanto patrimônio linguístico, quanto os direitos dos grupos linguísticos de utilizar e se expressar em suas próprias línguas (Abreu, 2016; Rodrigues, 2018). Nesse sentido, o planejamento linguístico demanda respaldo jurídico e institucional para promover alterações no status e nas funções sociais de uma língua (Calvet, 2007).

No caso da Libras, o reconhecimento legal pela Lei nº 10.436/2002 e pelo Decreto nº 5.626/2005 atribuiu espaço às políticas linguísticas e fortaleceu seu uso e difusão, resultado da mobilização histórica da Comunidade Surda (Quadros, 2019; Lagares, 2018). Souza (2020) destaca que a formulação de políticas linguísticas para Libras envolve a Comunidade Surda, especialistas em língua e órgãos governamentais. A legislação reconhece direitos de acesso a serviços públicos em Libras, mas mantém a hegemonia da LP, estabelecendo um "bilinguismo desigual" em que a LP permanece como língua oficial de instrução (Lagares, 2018; Quadros, 2006).

Esse conflito entre Libras e LP na educação de Surdos reflete a persistência de ideologias monolíngues, em que a LP é favorecida como língua de acesso ao conhecimento (Quadros; Paterno, 2006; Quadros, 2012). Observa-se que parte dos Surdos defende o uso da Libras como língua de significação em todas as esferas escolares, enquanto outro grupo defende um bilinguismo aditivo, ressignificando o status de ambas as línguas (Quadros, 2012).

O bilinguismo dos Surdos caracteriza-se como de minoria e bimodal, envolvendo uma língua minoritária visual-espacial (Libras) e uma língua majoritária oral-auditiva (LP) (Grosjean, 1992, 2008; Silva, 2018). Em contextos educacionais e sociais, é fundamental ressignificar o status de cada língua, adotando uma perspectiva aditiva, reconhecendo que "saber mais línguas apresenta vantagens tanto no campo cognitivo quanto nos campos político, social e cultural" (Quadros, 2012, p. 28).

Finalmente, ao abordar a educação bilíngue, é importante diferenciar o bilinguismo de elite, comumente associado a línguas de prestígio, do bilinguismo de minoria, característico dos Surdos, que envolve desafios de reconhecimento social e educacional (Cavalcanti, 1999; Grosjean, 2008; Kleman, 2012). Assim, políticas linguísticas devem ser pautadas no contexto sociolinguístico e empírico das comunidades, promovendo ações

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

que atendam às necessidades reais dos usuários e, no caso dos Surdos, a produção de materiais didáticos específicos constitui uma demanda essencial.

MATERIAL DIDÁTICO PARA SURDOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE ADAPTAÇÕES E SOBRE PRODUÇÕES ESPECÍFICAS

Cassiano (2007), ao analisar o mercado de livros didáticos no Brasil no período de 1985 a 2007, aborda a trajetória do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), desde sua criação e implementação até sua expansão. Nesse contexto, as escolas passaram a buscar recursos e estratégias didático-pedagógicas que contribuíssem para a melhoria dos processos de ensino e aprendizagem. Ao longo de seu desenvolvimento, o PNLD também passou a contemplar estudantes com deficiência, ampliando a oferta de recursos de acessibilidade, como materiais em Braille e dicionários trilíngues que incluem a Libras.

O Estado tem investido na aquisição e na distribuição de materiais didáticos (Miranda, 2019). Entretanto, no caso dos estudantes Surdos, observa-se a predominância de adaptações de materiais previamente publicados, posteriormente traduzidos para a Libras (Miranda, 2016, 2019; Silva *et al*., 2013), em consonância com os princípios da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008). Nesse contexto, o Decreto nº 9.099/2017, em seu art. 25, estabelece que o Ministério da Educação deve promover a acessibilidade no âmbito do PNLD para estudantes e professores com deficiência.

Apesar dessas iniciativas, Miranda (2016, 2019) evidencia que os materiais disponíveis no mercado são, em grande parte, constituídos por traduções de livros impressos para a Libras, sem que sejam consideradas, de forma efetiva, as especificidades linguísticas e educacionais dos estudantes Surdos. Santos (2012), por sua vez, observa a escassez de recursos didáticos bilíngues para o ensino de diferentes componentes curriculares, o que frequentemente transfere ao professor a responsabilidade de pesquisar, adaptar e produzir materiais para atender às necessidades desses estudantes. Ao analisar a Coleção Pitanguá, da Editora Moderna, Miranda (2019) constatou que, embora os livros disponibilizem tradução para a Libras e recursos em *CD-ROM*, não contemplam aspectos fundamentais relacionados às especificidades da experiência Surda, mantendo propostas pedagógicas centradas no material impresso e em práticas que pressupõem a leitura oral e a percepção sonora das palavras.

Esses materiais, portanto, não asseguram, por si só, a efetivação de uma educação bilíngue adequada às especificidades dos estudantes Surdos. Miranda (2017) aponta que uma proposta pedagógica bilíngue deve contemplar a interação em Libras, a formação e a qualificação dos professores, a mediação de intérpretes, bem como a utilização de recursos e materiais didáticos apropriados. Felipe (2006), por sua vez, reforça a necessidade de investir na formação de profissionais e na produção de materiais bilíngues, articulados a metodologias de ensino que considerem as especificidades linguísticas e educacionais dos estudantes Surdos. No âmbito das políticas educacionais, a Lei nº 13.005/2014, que aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE), reafirma a garantia da oferta de educação bilíngue e prevê a composição de acervos didáticos e paradidáticos em Libras (Brasil, 2014).

Apesar dos avanços no âmbito legal, a produção de materiais didáticos bilíngues ainda se mostra limitada (Galasso *et al*., 2018). Moraes, Scorali e Paula (2013) destacam que, em disciplinas de caráter técnico, a LP predomina nas bibliografias, enquanto a Libras permanece, em grande medida, restrita à mediação do intérprete, o que pode limitar as possibilidades de estudo autônomo pelos estudantes Surdos. No ensino de Ciências, esse cenário é marcado pela escassez de materiais didáticos específicos, pela ausência ou

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.10-26
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

insuficiência de glossários científicos em Libras, por limitações na formação docente e por dificuldades relacionadas à tradução e à construção de terminologias técnicas em Libras (Barbosa, 2003; Silva; Kumada; Amado, 2018). Nesse contexto, Silveira (2019) enfatiza a importância da utilização de recursos visuais como estratégia para favorecer os processos de significação e de construção do conhecimento pelos estudantes Surdos.

Diante desse panorama, este estudo busca analisar um material didático de Ciências destinado a estudantes Surdos, investigando a presença e a mobilização de artefatos culturais da Cultura Surda, conforme a categorização proposta por Strobel (2008). O material analisado é resultado da experiência desenvolvida na Sala de Aprendizagem Bilíngue (SAB), vinculada ao projeto de extensão BioLibras, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), que promove ações voltadas à educação linguística e cultural de crianças e adolescentes Surdos. A análise busca compreender de que modo esses artefatos culturais são incorporados à produção de um material didático específico, considerando as necessidades, as especificidades linguísticas e as experiências visuais desse público.

OS ARTEFATOS CULTURAIS SURDOS E A SALA DE APRENDIZAGEM BILÍNGUE (SAB)

No âmbito dos Estudos Culturais Surdos, Strobel (2008), fundamentando-se nas contribuições de Hall (2003), propõe reflexões acerca dos elementos culturais que constituem a Comunidade Surda. Para a autora, o contato entre sujeitos Surdos favorece o desenvolvimento da língua, da cultura, dos costumes e da identidade Surda, compreendendo o povo Surdo como um grupo constituído essencialmente a partir de experiências culturais compartilhadas. Nessa perspectiva, Strobel (2008) identifica oito artefatos culturais que caracterizam a Comunidade Surda: Experiência Visual; Linguístico; Familiar; Literatura Surda; Vida Social e Esportiva; Artes Visuais; Política; e Materiais.

O artefato Experiência Visual refere-se à maneira particular como os sujeitos Surdos percebem e significam o mundo, influenciando seus modos de reflexão, interação e constituição da subjetividade. Essa experiência está diretamente relacionada à modalidade visual-espacial das línguas de sinais (Strobel, 2008). O artefato Linguístico, por sua vez, evidencia a centralidade da língua de sinais para o acesso à informação e ao conhecimento, bem como para a constituição da identidade Surda (Strobel, 2008). Fernandes, Alves e Stumpf (2020) ressaltam que a língua de sinais atua como veículo de transmissão cultural e contribui para o desenvolvimento cognitivo, enquanto Almeida (2015) a compreende como um artefato cultural fundamental, constituído por significações sociais e culturais.

O artefato Familiar destaca a importância das relações estabelecidas entre filhos Surdos e seus familiares ouvintes, especialmente quando mediadas pela língua de sinais, para o desenvolvimento linguístico e a constituição da identidade Surda. O artefato Vida Social e Esportiva manifesta-se em diferentes formas de convivência e participação comunitária, como confraternizações, competições e atividades coletivas, contribuindo para o fortalecimento dos vínculos sociais e culturais entre os membros da Comunidade Surda (Strobel, 2008). Já o artefato Político compreende os movimentos, as mobilizações e as lutas do povo Surdo pela garantia de direitos linguísticos, educacionais e culturais (Strobel, 2008).

O artefato Literatura Surda contempla produções que expressam e compartilham experiências, narrativas e modos de vida da Comunidade Surda, manifestando-se em diferentes gêneros e podendo ser produzidas diretamente em Libras ou constituídas a partir de processos de adaptação e ressignificação de obras literárias. Relacionado à dimensão da visualidade, o artefato Artes Visuais expressa emoções, experiências, histórias e subje-

tividades vinculadas à cultura Surda. Por fim, o artefato Materiais refere-se aos objetos e recursos produzidos ou utilizados para favorecer a acessibilidade e atender às especificidades linguísticas e culturais dos sujeitos Surdos. Esses materiais podem incorporar elementos relacionados à Libras, à visualidade, à literatura e às formas de organização e articulação da Comunidade Surda, estabelecendo relações com os demais artefatos culturais (Strobel, 2008).

A partir dessa compreensão, os artefatos culturais não devem ser entendidos apenas como produtos ou objetos concretos, mas como elementos que expressam modos de ser, perceber, significar e posicionar-se no mundo. Nesse sentido, contribuem para os processos de desenvolvimento cognitivo, cultural e identitário dos sujeitos Surdos e constituem importantes referências para a compreensão de práticas educacionais pautadas nas especificidades linguísticas e culturais dessa comunidade (Strobel, 2008).

É nessa perspectiva que se insere o projeto BioLibras, articulado à Sala de Aprendizagem Bilíngue (SAB), iniciativa desenvolvida no município de Viçosa, Minas Gerais, voltada à educação bilíngue de crianças Surdas. Segundo Fernandez *et al.* (2017), a SAB desenvolve suas atividades de forma complementar à educação escolar, buscando responder às fragilidades presentes em diferentes contextos educacionais destinados a estudantes Surdos. No município, as crianças e os adolescentes Surdos encontram-se distribuídos em diferentes instituições de ensino e, em muitos casos, vivenciam contextos marcados pela ausência de intérpretes de Libras ou por limitações em sua atuação, o que pode comprometer sua participação e seu acesso efetivo aos processos educacionais.

Diante desse cenário, integrantes do Movimento Bilíngue Surdo de Minas Gerais criaram, em 2015, a SAB, com o propósito de contribuir para a garantia dos direitos linguísticos e para a ampliação do acesso a uma educação de qualidade. Inicialmente, a proposta esteve voltada à aquisição e ao desenvolvimento da Libras e ao ensino da LP como L2 constituindo um espaço de interação no qual as crianças pudessem utilizar a Libras como língua de comunicação, interação e instrução. Posteriormente, a iniciativa estabeleceu parceria com o projeto BioLibras, vinculado ao Departamento de Biologia Geral da Universidade Federal de Viçosa (UFV), ampliando suas ações para a iniciação ao ensino de Ciências sob uma perspectiva bilíngue e bicultural (Fernandez *et al.*, 2017). É nesse contexto que se insere o material didático analisado neste estudo.

A estruturação das atividades envolve voluntários Surdos e ouvintes bilíngues, membros externos à UFV e estudantes de diferentes cursos de graduação, entre eles Biologia, Química, Letras e Pedagogia. As atividades são desenvolvidas em encontros semanais de quatro horas e incluem, além das ações diretamente destinadas às crianças Surdas, atividades com seus familiares, por meio de momentos de formação e conscientização acerca da surdez, da Libras e das especificidades linguísticas e culturais da Comunidade Surda.

Nesse contexto, a participação de professores e colaboradores Surdos assume papel relevante, uma vez que o contato entre sujeitos Surdos pode favorecer o fortalecimento das identidades linguística e cultural, possibilitando o compartilhamento de modos de ser, agir, perceber e significar o mundo (Fernandes, 2003; Rodrigues, 2011). A interação entre pares, portanto, constitui um elemento importante para a construção e o fortalecimento das identidades culturais e linguísticas, articulando-se diretamente aos artefatos culturais apresentados por Strobel (2008). Sob essa perspectiva, a presença da Comunidade Surda e de seus referenciais culturais no espaço educacional contribui para a construção de práticas bilíngues e biculturais mais significativas e alinhadas às especificidades dos estudantes Surdos.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.10-26
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

“CADERNO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE SURDOS - OS CINCO SENTIDOS”: ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Iniciamos a análise com a caracterização geral do material didático e a apresentação de seus principais aspectos. Produzido em 2019 pela equipe multidisciplinar do projeto Bio-Libras, o material contou com a participação de profissionais das áreas de Letras, Biologia e Educação do Campo, entre outras. As etapas de produção, incluindo ilustração, elaboração do sinalário, projeto gráfico, diagramação, criação da capa e revisão, foram realizadas pelos integrantes do próprio projeto.

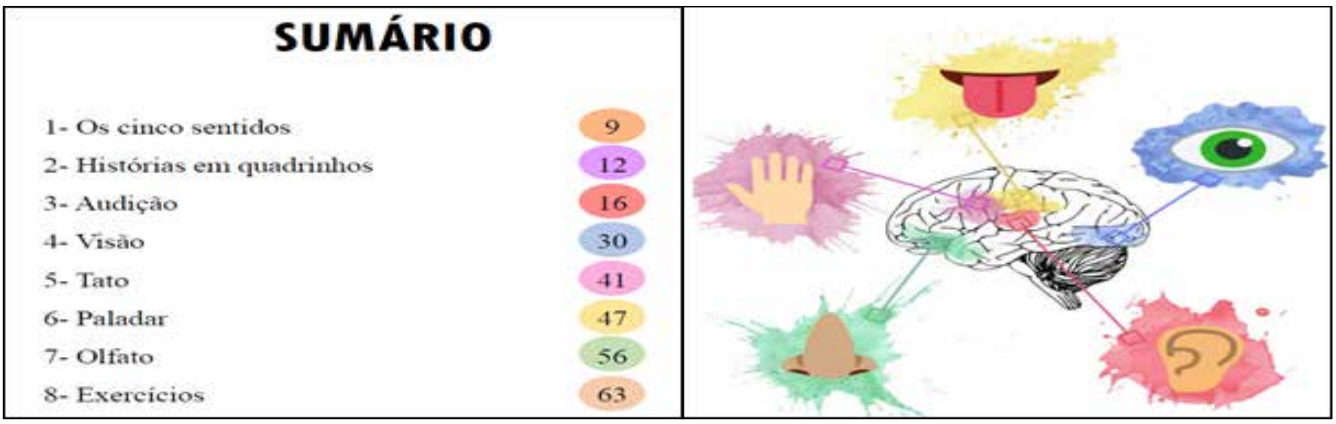
Embora não indique faixa etária ou série, o material foi pensado para estudantes Surdos, abordando o tema dos cinco sentidos do corpo humano em oito unidades distribuídas em 75 páginas. A primeira unidade apresenta informações gerais sobre os sentidos e como o corpo processa cada um. A segunda utiliza Histórias em Quadrinhos para relacionar órgãos ou partes do corpo a estímulos cotidianos. As unidades seguintes tratam da audição, visão, tato, paladar e olfato, e a oitava contempla exercícios de fixação.

O recurso utiliza Histórias em Quadrinhos, vídeos e imagens para apresentação e explicação dos conteúdos. Cada unidade também oferece links para pequenos vídeos em Libras, complementares ao material, e os exercícios finais visam auxiliar no domínio da Libras e da LP escrita.

Entre os aspectos positivos, destaca-se que o material está disponível gratuitamente na internet e pode ser baixado e utilizado em diferentes contextos. Além disso, o material disponibiliza um e-mail para envio de sugestões, opiniões e relatos de experiência sobre seu uso.

No que se refere à organização visual, cada unidade foi associada a uma coloração específica, favorecendo a identificação dos diferentes sentidos do corpo humano.

Figuras 01 e 1.1: Paleta de cores adotada



Fonte: Material Cinco Sentidos (BioLibras)

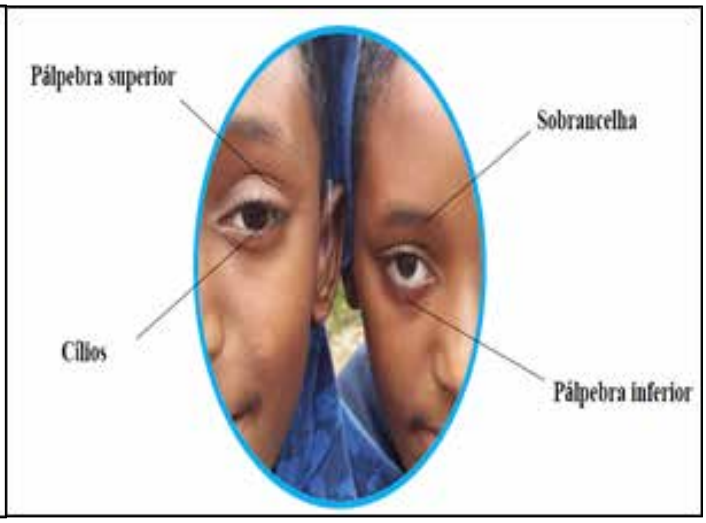
Desse modo, percebe-se que por meio do artefato cultural experiência visual, os autores buscaram essa combinação de cores para que o estudante Surdo pudesse estabelecer a relação entre as cores e cada um dos sentidos do corpo humano. No projeto gráfico, sobre a escolha da paleta de cores escolhida para cada unidade, Silva e Guimarães (2016) apresentam que esse recurso facilita a identificação de cada parte da unidade e estabelece uma sequência de organização para os alunos Surdos.

Ainda relacionado ao artefato cultural visual, destaca-se a exploração de imagens, reforçando a dimensão visual do material. Grande parte dessas imagens é autêntica, retratando os próprios integrantes do projeto SAB, incluindo alunos Surdos, voluntários e docentes.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.10-26
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Figuras 02 e 2.1: Recursos imagéticos autorais



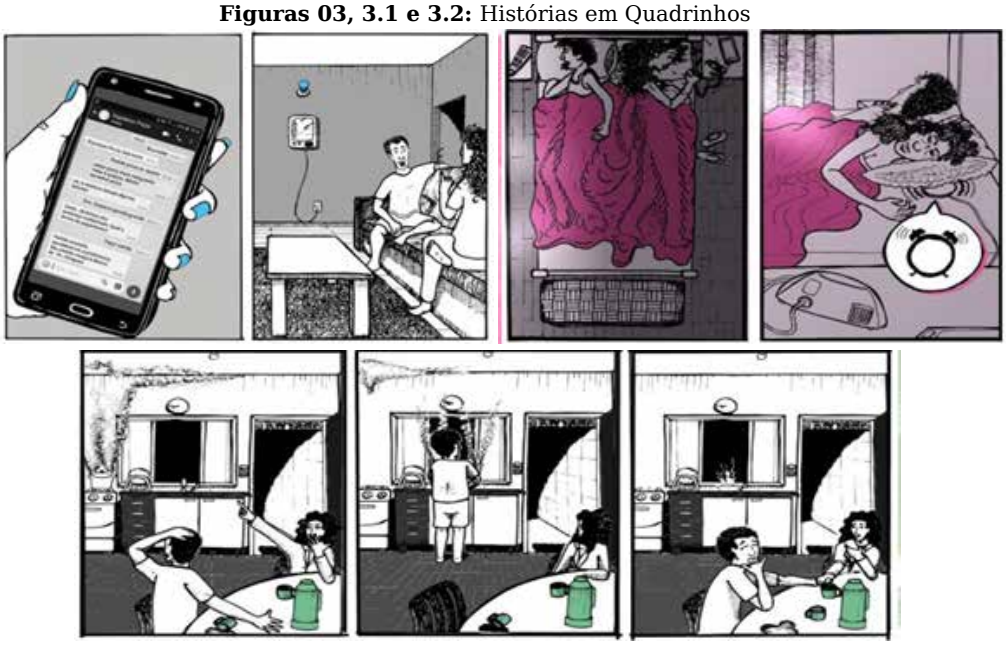


Fonte: Material Cinco Sentidos (BioLibras)

Ao analisar a produção de materiais didáticos de LP para Surdos, Silva e Guimarães (2016) destacam que a utilização de imagens envolve questões de direitos autorais. Nesse sentido, a escolha da equipe do projeto de retratar os próprios integrantes do SAB pode ter sido uma estratégia para minimizar tais problemas. Além disso, os autores ressaltam que a definição dos personagens é importante para favorecer o engajamento e a identificação dos alunos com o material. Assim, a presença recorrente de alunos Surdos, voluntários e docentes ao longo das unidades contribui para valorizar a visualidade, promover identificação com o conteúdo e reduzir preocupações com direitos autorais.

Na segunda parte do material, as Histórias em Quadrinhos também são produções autorais. O objetivo desse recurso é permitir que os alunos identifiquem quais órgãos ou partes do corpo estão relacionados a cada estímulo do ambiente em tarefas cotidianas. Destaca-se, ainda, que na produção desse gênero buscou-se valorizar a cultura e a experiência visual Surda, conforme será exemplificado a seguir.

Figuras 03, 3.1 e 3.2: Histórias em Quadrinhos



Fonte: Material Cinco Sentidos (BioLibras)

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.10-26
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Nos dois primeiros quadrinhos, ao abordar o sentido da visão, observa-se a presença da “campainha luminosa”, uma tecnologia doméstica utilizada por Surdos em que o estímulo sonoro é substituído por um sinal visual, por meio de uma lâmpada que se acende. Trata-se, portanto, de um artefato cultural e tecnológico da Comunidade Surda. Além disso, no segundo quadrinho, o artefato cultural material aparece por meio do “despertador”, que utiliza vibração para acordar a personagem. No terceiro quadrinho, identifica-se o artefato cultural linguístico, evidenciado na comunicação sinalizada em Libras entre os personagens ao tratar da visão.

Esses exemplos mostram que os autores buscaram adaptar e direcionar os recursos das Histórias em Quadrinhos à experiência e vivência dos estudantes Surdos, dialogando com seus interesses e práticas presentes na Comunidade Surda. Morais e Cruz (2017) destacam que esse gênero é um recurso didático valioso, pois combina linguagem verbal e não verbal e favorece a motivação dos alunos. Contudo, no material analisado, apesar do alto potencial visual das Histórias em Quadrinhos, não foram propostas atividades ou dinâmicas a partir delas, sendo utilizadas apenas como recurso ilustrativo para relacionar os sentidos aos modos de interação do cotidiano.

No processo de letramento de Surdos, Fernandes (2003, 2006) e Fernandes e Moreira (2017) destacam que a relação com o texto é predominantemente visual, sendo a internalização dos sentidos mediada pela Libras e articulada a referenciais visuais, como elementos verbais e não verbais. Assim, as Histórias em Quadrinhos poderiam servir de base para atividades de leitura ou produção textual, uma vez que esse gênero favorece o desenvolvimento de habilidades de interpretação por meio da articulação de diferentes linguagens (Morais; Cruz, 2017).

Após a apresentação das Histórias em Quadrinhos, cada sentido do corpo humano é abordado de forma isolada. No início de cada unidade, encontra-se um glossário em Libras, no formato de fotos, que permite aos alunos visualizar os conceitos-chave de cada tema. Esse recurso garante que os estudantes Surdos tenham acesso aos principais sinais relacionados aos conteúdos abordados em cada unidade. Destaca-se a preocupação dos autores em mapear e inserir esses sinais, uma vez que, conforme Silva, Kumada e Amado (2018), a maioria dos glossários e sinalários disponíveis contém apenas sinais cotidianos, não científicos. Dessa forma, os alunos podem compreender e expressar adequadamente os conceitos em sua língua.

Além da representação visual dos sinais, o formato digital do material possibilita o acesso a vídeos que demonstram a execução de cada sinal, oferecendo uma compreensão mais precisa e assertiva.

Figura 04: Glossário em vídeo



Fonte: Material Cinco Sentidos (BioLibras)

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.10-26
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

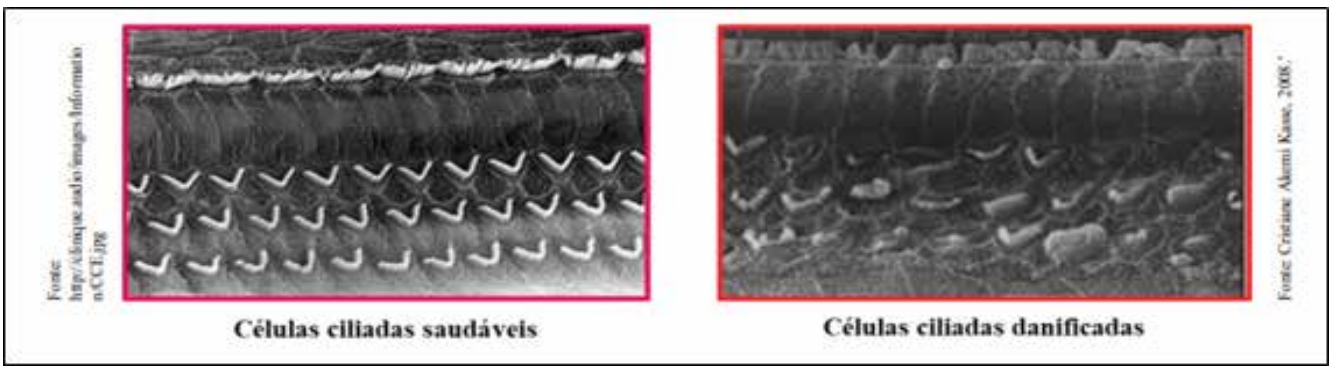
Por meio de *QR Code* ou do *link* disponibilizado, o aluno é direcionado ao canal do *YouTube* do projeto, podendo visualizar a realização dos sinais em vídeo. Entretanto, observa-se que os vídeos reproduzem apenas a sinalização já apresentada nas fotos, alterando apenas o formato de exibição. Mesmo assim, esse recurso evidencia a presença do artefato cultural linguístico, uma vez que a Libras está presente na apresentação dos sinais-chave, tanto nas imagens quanto nos vídeos.

Ao analisar a produção de um livro didático de LP, Silva e Guimarães (2016) destacam que vídeos em Libras são essenciais tanto para o trabalho docente quanto para o uso do material pelo estudante Surdo, pois permitem sistematizar conceitos, apresentar glossários em Libras e estabelecer uma abordagem comparativa entre Libras e LP. No entanto, no material analisado, a Libras se limita à sinalização de conceitos-chave, por meio de imagens e vídeos, indicando que sua presença ao longo do conteúdo não vai além desses elementos.

Com base nisso, percebe-se que, no material analisado, a Libras não se configura como língua de instrução nem como instrumento de construção do conhecimento, estando limitada à apresentação de sinais-chave. Silva e Guimarães (2016) destacam que materiais didáticos voltados a estudantes Surdos devem contemplar espaços nos quais a Libras seja efetivamente utilizada para interação e mediação do ensino-aprendizagem. Como exemplo, sugerem atividades de discussão em Libras, que permitam aos alunos levantar hipóteses coletivamente e compartilhar experiências entre pares.

Em uma perspectiva cultural, por se tratar de um material voltado para estudantes Surdos, os conteúdos de cada unidade são articulados aos aspectos linguísticos, culturais e identitários da Comunidade Surda. No caso da unidade sobre “audição”, considera-se que, biologicamente, a única diferença entre Surdos e ouvintes reside em uma particularidade celular, já que as “células ciliadas” dos Surdos apresentam-se danificadas, conforme apresentado a seguir.

Figura 05: Comparação entre as células ciliadas de um ouvinte e um Surdo



Fonte: Material Cinco Sentidos (BioLibras)

O material buscou articular os conteúdos das unidades aos aspectos culturais, linguísticos e identitários da Comunidade Surda. Na unidade sobre “audição”, apresentou-se a diferença biológica entre Surdos e ouvintes, seguida de uma reflexão sobre a Surdez como diferença e não deficiência, alinhando-se à perspectiva socioantropológica da Libras como língua natural e elemento de identidade cultural. Além disso, foram abordadas experiências perceptivas alternativas, como a percepção de tremores em ambientes ruidosos, valorizando outros sentidos além da audição e promovendo uma adequação cultural.

A unidade também destacou a importância da aquisição da Libras desde a primeira infância, enfatizando o papel das famílias, representando o artefato cultural familiar, e su-

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.10-26
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

geriu o acompanhamento de um vídeo de uma família Surda para reforçar o aprendizado. Encerrando a unidade, os alunos realizam uma atividade prática com participação familiar, envolvendo o teste de audiometria.

Na unidade sobre “visão”, os conteúdos foram relacionados à experiência visual dos Surdos e à produção visual da Libras, privilegiando o artefato cultural experiência visual. Foram discutidos aspectos linguísticos e legais da Libras, destacando os artefatos culturais linguístico e político, e foi sugerida a apreciação de uma poesia em Libras, integrando o artefato cultural da literatura Surda.

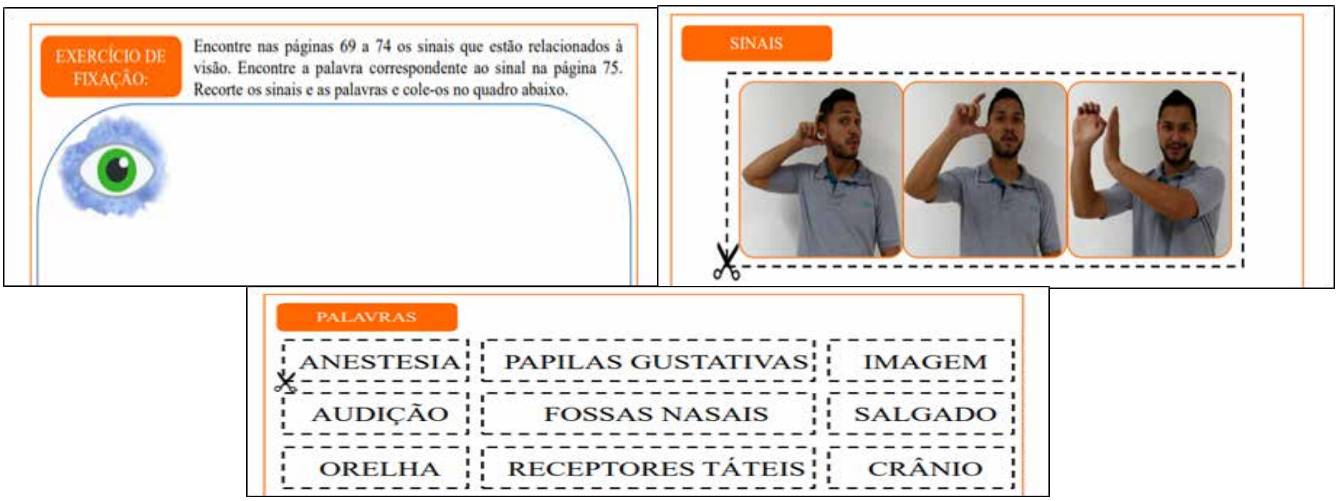
A unidade sobre “tato” abordou a surdo-cegueira, destacando a heterogeneidade da Comunidade Surda e a utilização da Libras tátil, conectando-se ao artefato cultural linguístico. Por fim, nas unidades sobre “olfato” e “paladar”, não foram identificadas adaptações específicas para Surdos, embora a visualidade tenha sido explorada como sentido central em todo o material.

A presença e valorização dos recursos imagéticos se mostra essencial, concordando com Lacerda, Santos e Caetano (2011), que destacam que imagens e recursos visuais podem provocar debates entre docentes e discentes, facilitar a explanação conceitual e estimular a expressão de diferentes opiniões. Esse tipo de prática, fundamentado na Pedagogia Visual (Campello, 2007), promove estratégias educacionais mais alinhadas às particularidades da Comunidade Surda.

Segundo Campello (2007, p. 130), a Pedagogia Visual consiste na “[...] exploração de várias nuances, ricas e inexploradas, da imagem, signo, significado e semiótica visual na prática educacional cotidiana”, oferecendo subsídios para ampliar a capacidade dos Surdos de captar e compreender o saber e a abstração do pensamento imagético. Assim, trata-se de uma abordagem pedagógica voltada para aprendizes Surdos, na qual o signo visual atua como elemento central na construção de representações e significados.

Para finalizar a análise, voltamo-nos às atividades propostas na última unidade do material, voltadas aos exercícios de fixação. Observa-se que todas as atividades se concentram na relação entre sinal e palavra, solicitando que os alunos relacionem os termos em LP aos respectivos sinais em Libras. Na primeira atividade, por exemplo, o aluno deve revisar os sinais aprendidos em cada unidade e, em seguida, realizar a associação entre os sinais e os termos em LP, por meio de uma atividade de recorte e colagem.

Figuras 06, 6.1 e 6.2: Atividades de fixação



Fonte: Material Cinco Sentidos (BioLibras)

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.10-26
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

No que se refere às atividades de fixação, observa-se que, comumente, no ensino de LP para Surdos, predomina a prática de focar na análise de vocabulário, estabelecendo a relação direta entre palavras e sinais. Bernardino e Pereira (2019) destacam que, nesse contexto, o estudante volta-se principalmente para o reconhecimento dos termos, sem necessariamente compreender o significado dos textos em seu contexto. Como consequência, Pereira (2014) argumenta que os alunos tendem a copiar ou realizar os exercícios mecanicamente, sem apreender a organização e o funcionamento da língua.

Considerando o processo de letramento de aprendizes Surdos, é importante lembrar que ele corresponde à aprendizagem de uma L2. Para esses estudantes, a interação com a LP ocorre predominantemente por meio da escrita, sendo fundamental que professores e materiais didáticos propiciem essa interação em sala de aula (Silva; Guimarães, 2016). Nesse sentido, os materiais devem contemplar gêneros e tipologias textuais variados, circulando em diferentes esferas sociais, para que o aluno Surdo se aproprie das possibilidades e especificidades da escrita. Tal aspecto deve ser prioridade na produção de materiais didáticos voltados para Surdos.

Além disso, em uma perspectiva bilíngue, a Libras deve ser entendida como língua de interlocução e de significação do aprendiz Surdo, servindo como base para o acesso à leitura em LP (Lodi, 2005). Assim, as atividades de fixação deveriam se fundamentar na Libras como língua de significação, estabelecendo uma perspectiva contrastiva com a LP. Somente a partir da constituição do conhecimento linguístico e do mundo por meio da Libras os alunos Surdos estarão efetivamente habilitados a participar de práticas de leitura e escrita socialmente situadas (Pereira, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da análise do caderno didático, algumas reflexões podem ser apresentadas. Inicialmente, verificou-se a utilização de diferentes recursos e estratégias com o propósito de adequá-lo às especificidades linguísticas e culturais dos estudantes Surdos. Entre os recursos identificados, o artefato cultural da Experiência Visual destacou-se como o mais recorrente e valorizado ao longo do material. Essa predominância sugere uma compreensão da surdez a partir de uma perspectiva visual, na qual a experiência de perceber, interagir e significar o mundo por meio da visualidade assume papel central. Tal perspectiva mostra-se relevante para os processos de desenvolvimento linguístico, cultural e identitário dos sujeitos Surdos usuários da Libras, uma vez que reconhece a visualidade como elemento constitutivo de suas experiências e formas de produção de sentidos.

A recorrência da visualidade no material reforça a relevância da valorização dos aspectos visuais na educação de Surdos, evidenciando seu potencial para enriquecer os processos de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, a visualidade deve ocupar lugar de destaque nas diferentes esferas educativas, especialmente no contexto escolar, de modo a favorecer práticas pedagógicas mais alinhadas às especificidades linguísticas e culturais dos estudantes Surdos (Quadros, 2000; Fernandes, 2003, 2006; Silva, 2019; Miranda, 2019).

Embora a Experiência Visual constitua o artefato cultural mais recorrente, também foram identificados os artefatos Político, Familiar, Linguístico e Literatura Surda. A presença desses diferentes artefatos sugere a intenção de construir um material didático orientado por uma perspectiva bilíngue e bicultural, contemplando demandas e especificidades da Comunidade Surda. Essa abordagem se manifesta, entre outros aspectos, na inclusão de reflexões relacionadas à aquisição da Libras, na utilização de recursos tecnológicos presentes no cotidiano dos sujeitos Surdos, na inserção de produções literárias de caráter visual e no reconhecimento da heterogeneidade que caracteriza a Comunidade Surda.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.10-26
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

No que se refere ao artefato cultural Linguístico, relacionado à Libras, observou-se que as discussões propostas no material se concentram, principalmente, em seu reconhecimento legal e em sua utilização em práticas de interação e de manifestação cultural e artística. Entretanto, a presença da Libras como língua de instrução e de construção do conhecimento mostrou-se limitada à apresentação de sinais-chave por meio de imagens e vídeos. Esses resultados evidenciam a necessidade de refletir criticamente sobre o papel e as funções atribuídas a cada língua em contextos bilíngues, considerando não apenas os espaços de circulação e uso de ambas, mas também as demandas metodológicas e didáticas específicas para sua efetiva inserção nos processos de ensino e aprendizagem.

Diante do exposto, conclui-se que, embora o material valorize a perspectiva bicultural por meio da mobilização de diferentes artefatos culturais Surdos, o espaço destinado à Libras como língua de construção e mediação do conhecimento ainda se mostra limitado. Para fortalecer a perspectiva bilíngue, faz-se necessário incorporar dinâmicas mais interativas, nas quais a Libras seja efetivamente utilizada como língua de instrução, mediação e significação dos conteúdos. Além disso, as atividades de fixação propostas no material apresentam poucas oportunidades de interação e de uso significativo da LP em sua modalidade escrita. Nesse sentido, torna-se pertinente revisá-las e ampliá-las, de modo a possibilitar um contato mais efetivo e contextualizado com ambas as línguas, favorecendo o desenvolvimento da autonomia e a participação ativa dos estudantes nos processos de ensino e aprendizagem.

Esses resultados evidenciam a necessidade de ampliar as discussões acerca da produção de materiais didáticos específicos para estudantes Surdos, contemplando diferentes etapas da escolarização e componentes curriculares. Essa produção deve estar fundamentada em uma perspectiva bilíngue e bicultural que reconheça e valorize as singularidades linguísticas e culturais da Comunidade Surda. Para tanto, a reflexão sobre esses materiais precisa abranger todas as etapas de seu desenvolvimento, como a análise, elaboração, implementação e avaliação, compreendendo esse processo como um ciclo contínuo de reflexão e aprimoramento (Leffa, 2008).

Cabe destacar, por fim, que viver em comunidade também implica participar de processos de natureza política (Souza, 2020). No contexto da Comunidade Surda, essa participação envolve o ativismo linguístico em defesa da Libras, de sua valorização e difusão, bem como da garantia dos direitos linguísticos dos sujeitos Surdos. Nessa perspectiva, o espaço acadêmico-científico deve ser compreendido como um espaço de resistência e de produção de conhecimentos comprometidos com a diversidade linguística e cultural, e não como instrumento de reprodução ou legitimação de discursividades hegemônicas (Rodrigues, 2018). Para a efetivação de uma educação bilíngue de Surdos, questões relacionadas ao bilinguismo, à formação de professores e, sobretudo, à produção de materiais didáticos adequados às especificidades linguísticas e culturais desses estudantes devem ocupar lugar de destaque nas agendas de pesquisa e debate da Linguística Aplicada, da Educação e de áreas correlatas.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. N. Contribuições para uma Delimitação dos Direitos Linguísticos no Brasil: Um olhar necessário sobre os direitos linguísticos no Brasil e suas implicações na formulação de políticas linguísticas. In: Marcus Vinícius Carvalho Garcia et al. (Orgs.). **Anais do Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguístic**a. Brasília, DF: Iphan, 2016.

ALMEIDA, W. G. **Educação de Surdos**: formação, estratégia e prática docente. Ilheus: Editus, p. 197, 2015.

BARBOSA, E. R. A.; BARTHOLOMEU, I. C. S. Ensino de Português como Segunda Língua: análise dos aspectos gráfico-editoriais de uma unidade didática voltada a alunos surdos. **Revista Virtual de Cultura Surda**, n. 17, p. 1-31, 2016.

BARBOSA, R. **Projeto Geo-escola**: recursos computacionais de apoio ao ensino de geociências nos níveis fundamentais e

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

médio. 2003. 97 f. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

BERNARDINO, E. L. A.; PEREIRA, M. C. C. Desafios no Ensino-Aprendizagem da Segunda Língua Numa Proposta Bilíngue de Educação Para Surdos. **Línguas & Letras**, v. 20, n. 48. p. 174-193, 2019. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/es/article/view/23943. Acesso em: 31 ago. 2026.

BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2005.

BRASIL. Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras, e o Art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2005.

BRASIL. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação** inclusiva. Brasília: MEC/SECADI, 2008.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2014.

BRASIL. Decreto nº 9.099 de 18 de julho de 2017, que dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2017

BRASIL. Decreto nº 9.465 de 02 de janeiro de 2019. **Diário da União**, Brasília, DF, 2019.

CALVET, L. **As Políticas Linguísticas**. São Paulo: Parábolas, 2007.

CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. 2008. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

CAMPELLO, A. R. S. Pedagogia visual/sinal na educação dos surdos. **Estudos Surdos II**, v. 1, Petrópolis/RJ: Editora Arara Azul, p. 100-131, 2007.

CASSIANO, C. C. F. **O mercado do livro didático no Brasil do século XXI**: a entrada do capital espanhol na educação nacional. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 15, n. SPE, p. 385-417, 1999. Disponível em: https://www.scielo.br/j/delta/a/JcJDbkyVZxZPHnJXJrDyWYn/?lang=pt. Acesso em: 31 ago. 2026.

FELIPE, T. A. Políticas públicas para a inserção da Libras na educação de surdos. **Espaço: informativo técnico-científico do INES**, n. 25, p.33-47, 2006. Disponível em: https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1056. Acesso em: 31 ago. 2026.

FERNANDES, F. k.; ALVES, E. O. STUMPF, M. R. A escrita de sinais como instrumento de desenvolvimento linguístico e indenitário para o surdo**. Pontos de Interrogação—Revista de Crítica Cultural** 10.1, 2020. Disponível em: https://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/9333. Acesso em: 31 ago. 2026.

FERNANDES, F. K; PEIXOTO, J. A. A identificação de artefatos culturais nos livros em língua portuguesa do autor surdo Claudio Mourão: uma reflexão sobre a relação língua, cultura e literatura. **Acta Semiótica Et Lingvistica**. p. 88-104, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/view/58058. Acesso em: 31 ago. 2026.

FERNANDES, S. **Educação Bilíngue para surdos: identidades, diferença, contribuições e mistérios**. 2003. 202 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, 2003.

FERNANDES, S. Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos. **Curitiba: SEED/SUED/DEE**, 2006.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. Políticas de educação bilíngue para estudantes surdos: contribuições ao letramento acadêmico no ensino superior. **Educar em Revista**, n. SPE-2, p. 127-150, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/NN3yMpLvBXKjd3KcYQ384gp/abstract/?lang=pt. Acesso em: 31 ago. 2026.

FERNANDEZ, T. A. C. *et al*. Olhares sobre a educação de crianças surdas: Sala de Aprendizagem Bilíngue e Projeto BIOLIBRAS**. Revista ELO–Diálogos em Extensão**, v. 6, n. 1, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufv.br/elo/article/view/1152. Acesso em: 30 ago. 2026.

GALASSO, B. J. B. *et al*. Processo de Produção de Materiais Didáticos Bilíngues do Instituto Nacional de Educação de

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.10-26
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Surdos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, p. 59-72, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbee/a/R8nwGtrSrb3LdF9BvbxNZLt/abstract/?lang=pt. Acesso em: 30 ago. 2026.

GROSJEAN, F. The bilingual & the bicultural person in the hearing & in the deaf world. **Sign Language Studies**, v. 77, n. 1, p. 307-320, 1992. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/26204700. Acesso em: 12 mar. 2026.

GROSJEAN, F. **Studying bilinguals**. Oxford University Press, 2008.

KELMAN, C. A. *et al*. Bilinguismo e Educação: práticas pedagógicas e formação de professores. **Revista Espaço**, n. 44, p. 125-145, 2015. Disponível em: https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1258. Acesso em: 30 ago. 2026.

LACERDA, C. B. F. de. SANTOS L. F. CAETANO, J. F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. *In*: HARRISON, K. M. P.; LACERDA, C. B. F.; LODI, A. C. B.; GOES, A. M.; KOTAKI, C. S.; CAETANO, J. F.; SANTOS, L. F.; CAMPOS, M. L. I. L.; MOURA, M. **Língua brasileira de sinais - Libras**: uma introdução. São Carlos: UFSCar, 2011, p. 103-116.

LAGARES, X. C. Glotopolítica: reflexão/ação. *In*: **Qual política linguística?** Desafios glotopolíticos contemporâneos. São Paulo: Parábola, p. 15-39, 2018.

LAGARES, X. C. Língua, Estado e mercado. *In*: **Qual política linguística?** Desafios glotopolíticos contemporâneos. Capítulo 2: Língua, Estado e mercado. São Paulo: Parábola, p. 49-117, 2018.

LEFFA, V. J. Como produzir materiais para o ensino de línguas. In: LEFFA, V. J. (org). **Produção de materiais de ensino**: prática e teoria. 2 ed. Pelotas: Educat, v. 1, p. 15-41, 2008.

LODI, A. C. A leitura em segunda língua: práticas de linguagem constitutivas da (s) subjetividade (s) de um grupo de surdos adultos. **Cadernos CEDES**, v. 26, n. 69, p. 185-204, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ccedes/a/w6S3d9rzQQPkNTBXKpCz54R/?lang=pt. Acesso em: 31 ago. 2026.

MAHER, T. M. O dizer do sujeito bilíngue: aportes da Sociolinguística. **Anais do Seminário: desafios e possibilidades na educação bilíngue para surdos**, p. 20-26, 1997.

MIRANDA, D. G. **A multimodalidade no ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos**: análise do uso do livro didático adaptado em Libras. 2019. 275 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Belo Horizonte, 2019.

MIRANDA, D. G. Material didático digital: nova forma de o aluno surdo “ler” e “interagir” com os conteúdos educacionais?. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, v. 9, n. 2, p. 185-198, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16735. Acesso em: 14 jun. 2026.

MORAES, L. M.; SCOLARI, S. H. P.; PAULA, M. M. **Projeto piloto de tradução de livro didático do Português para Libras**: contribuições do design no contexto da Educação Bilíngue. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO DO IFSC (SEPEI), 3., 2013, Lages. Anais eletrônicos. Lages: IFSC, 2013.

MORAIS, F. B. C.; CRUZ, O. M. A história em quadrinhos na aula de língua portuguesa como Segunda Língua (L2). **Domínios de Lingu@ gem,** v. 11, n. 1, p. 233-250, 2017. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/35086. Acesso em: 30 ago. 2026.

MOURA, M. C. **O surdo**: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

OLIVEIRA, G. M. Plurilinguismo no Brasil. Brasília: **Representação da UNESCO no Brasil:** IPOL, 2008.

PEREIRA, M. C. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos metodológicos. **Educar em Revista**. v. 30, n. 2, p. 143-157, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/sXkGQKsnKbhgRBsPD4mvSjy/abstract/?lang=pt. Acesso em: 13 ago. 2026.

PEREIRA, M. C. Reflexões sobre a escrita de alunos surdos expostos à abordagem bilíngue de educação. *In*: FARIA, E. M. de B.; CAVALCANTE, M. C. B. (Org.). **Desafios para uma nova escola**: um olhar sobre o processo ensino-aprendizagem de surdos. João Pessoa: Editora da UFPB, p. 49-64. 2011.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. **Libras**: Linguística para o Ensino Superior. São Paulo: Parábolas, 2019.

QUADROS, R. M. O ‘BI’em bilinguismo na educação de surdos. *In*: FERNANDES, E. **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre:

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Mediação, v. 1, p. 27-38, 2012.

QUADROS, R. M. Políticas linguísticas e educação de surdos em Santa Catarina: espaço de negociações. **Cadernos Cedes**, v. 26, p. 141-161, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ccedes/a/T55NhKLDWBBWnZvNCTJ5Qqk/?lang=pt. Acesso em: 30 ago. 2026.

QUADROS, R. M.; PATERNO, U. Políticas linguísticas: o impacto do decreto 5626 para os surdos brasileiros. **Espaço: informativo técnico-científico do INES**, n. 25, p.19-25, 2006. Disponível em: https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/INES_Revista_Espaco_2006.pdf. Acesso em: 31 ago. 2026.

RAJAGOPALAN, K. Política linguística e a política da linguística. *In*: SIMÕES, D.; HENRIQUE, C. C. (orgs.) **Língua Portuguesa, Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Europa, 2008.

RAJAGOPALAN. K. Política linguística: do que é que se trata, afinal? *In*: NICOLAIDES, N. et al. **Política e Políticas Linguística**. Campinas: Pontes Editores, p. 19-41, 2013.

RODRIGUES, C. H. Reflexões sobre o processo de ensino aprendizagem em turmas com surdos e de surdos. *In*: SILVA, I. R.; SILVA, M. P. M. (Orgs.) **Letramento na diversidade**: surdos aprendendo a ler/escrever. Campinas, SP: Mercado de Letras, p.75-106, 2018.

RODRIGUES, F. C. A noção de direitos linguísticos e sua garantia no Brasil: entre a democracia e o fascismo. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 21, n. 42, 2020. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8661563. Acesso em: 31 ago. 2026.

SANTOS, E. R. O Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: uma análise de materiais didáticos. *In*: **Anais do SIELP**. Vol. 2, n 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. p.1-12.

SILVA, G. M. O processo de ensino-aprendizagem da leitura em uma turma de alunos surdos: uma análise das interações mediadas pela Libras**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, n. 4, p. 905-933, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbla/a/kBh7XF4Y3nR9MNGQMNvJLfF/?lang=pt. Aceso em: 29 ago. 2026.

SILVA, G. M. **Perfis linguísticos de surdos bilíngues do par Libras-Português**. 2018. 216 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

SILVA, I. R.; NOGUEIRA, A. S.; HIDELBRAND, H. R.; KUMADA, K. M. O uso de jogos eletrônicos no processo de ensino-aprendizagem de Surdos. *In*: VALLE, L. E. R.; MATTOS, M. J. V. M.; COSTA, J. W. (orgs) **Educação digital**: a tecnologia a favor da inclusão. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, G. M.; GUIMARÃES, A. B. C. Materiais didáticos para o ensino de português como segunda língua para surdos: uma proposta para o nível básico. *In*: Luis Gonçalves. (Org.). **Português como lingua estrangeira, de herança e materna**: abordagens, contextos e práticas. 1ed.Roosevelt, New Jersey: Boavista Press, 2016, v. 1, p. 7-172.

SILVA; I. R.; KUMADA, K. M. O.; AMADO, B. C. Libras, Português e Ciências para surdos: reflexões necessárias para uma prática escolar bilíngue. *In*: SILVA, I. R.; SILVA, M. P. M. (Orgs.) **Letramento na diversidade**: surdos aprendendo a ler/escrever. Campinas, SP: Mercado de Letras, p.267-292, 2018.

SILVEIRA, L. C. **Glossário de Ciências em Libras**: uma proposta pedagógica bilíngue para alunos Surdos. Curitiba: Appris, 2019.

SOUSA, S. C. T.; SOARES, M. E. Um estudo sobre as políticas linguísticas no Brasil. **Revista de Letras**, v.1, n. 33, p. 102-112, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/1496. Acesso em: 31 ago. 2026.

SOUZA, L. C. S. **Avaliação pela Comunidade Surda brasileira das políticas linguísticas da Libras e seus desdobramentos**. 2020. 202 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

STROBEL, K. **O olhar do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.10-26
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons